

REUNIÃO DE TODOS OS QUADROS DO MDR À ESCALA NACIONAL  
Praia, 20-22 de Maio de 1982.

INTRODUÇÃO AO DEBATE SOBRE A RESPONSABILIZAÇÃO  
Relator: E.LIMA DA CRUZ

Camarada Ministro, Camaradas,

Ao iniciar esta modesta relação sobre um tema tão vital como é o Responsabilização, na vida do MDR, permito-me felicitar o Camarada Ministro pela ideia e pela coragem de convocar uma reunião alargada desta natureza, cuja importância não é demonstrável, reunião essa com uma agenda tão significativa e com o propósito, num esforço notável, de avaliar a vida e actividade do MDR para um arranque contínuo e sempre mais consciente; permito-me felicitar a forma como têm decorrido os nossos encontros e debates, indo ao coração dos problemas que mais afectam o MDR, preconizando para os mesmos as soluções mais correctas e viáveis; permito-me ainda felicitar a lealdade das pessoas, dos Camaradas, pela participação activa quer exprimindo o seu pensar e sentir, quer ouvindo atentamente, na convicção de que a responsabilização conseguida passa pela possibilidade exercida de cada um poder falar e ser escutado.

Eu permitir-me-ia ainda sugerir, Camarada Ministro, Camaradas, que o Grande Encontro Anual dos Quadros do MDR fosse instituído de forma estável e se lhe conferisse o conteúdo programático correspondente em exigência, nível profundidade, seriedade de preparação, condução dos debates e implementação das conclusões. Quando falo em seriedade de preparação, apraz-me registar e reflectir que uma reunião desta envergadura, pela sua agenda, pelas suas intenções e pelo envolvimento pessoal que lhe está inerente, pessoal esse disperso pelos diversos cantos da nossa Pátria, uma reunião desta envergadura, dizia eu, não se compadece com anúncios precipitados, nem com corrida a contra-relógio devendo o anúncio e a programação ser mais estendidos no tempo, havendo para o efeito uma Comissão, possibilitando desta maneira um máximo de humanização da responsabilidade, da elaboração do Guião às conclusões. Por aqui começa o circuito da responsabilização, do MDR/SEDE para com as estruturas regionais de localização e descentralização e vice-versa. O movimento é reversível.

Pessoalmente e falando talvez como o mais recente funcionário do MDR, da vasta família do MDR, exprimo a minha satisfação por este Encontro que, na sua intenção e embora abordando

questões por demais práticas e quiçá delicadas, parece-me significar um passo enorme em frente e transformar-se em encontro-auto-crítica-convívio, transformar-se, porque não? num sucesso. E ao exprimir-me assim, tenho bem concebido que é impossível o MDR conseguir realizar-se na responsabilização e na partilha, sem cultivar a promoção das relações humanas, e especificamente, das relações humanas no trabalho. Claro, este tema sozinho justificaria em plamente um Seminário.

Arrisco-me a dizer um grande lugar comum ou uma banalidade ao afirmar que, por mais técnicos que sejamos, arriscamo-nos a produzir um Ministério estéril, se o quadro das relações humanas não for suficientemente satisfatório constituindo suporte para a responsabilização. Invertendo o raciocínio, direi que mesmo num quadro de insuficiência técnica quantitativa ou qualitativa, o peso das responsabilidades é minimizado pelo positivismo das relações humanas, da entreaajuda, da participação. Claro, a técnica é insubstituível. As relações humanas são necessárias. Nenhuma delas sozinho basta. As duas congraçadas constróiem um Ministério são, fecundo, tendendo progressivamente para a consecução científica da sua vocação.

Camarada Ministro, Camaradas,

Tenho presente que em matéria de responsabilização o discurso não evolui necessariamente só com poesia, ainda que a cobertura da fé na capacidade das pessoas de analisar e criticar para construir. O lirismo das considerações arrisca-se a ser, além de estéril, incomodativo, se o mesmo não aterrar no campo, no chão dos reais e efectivos problemas para os analisar, debater, criticar, avaliar, prospectar soluções, aterrar na justeza e na proporção, evitando-se assim a frustração de um Encontro virtualmente promissor. Não nos é lícito "comer pela borda a papa" quente da responsabilização e do que ela pressupõe e envolve, entretendo-nos talvez de forma nem sempre objectiva e sem ir ao cerne das questões e do porquê das situações. (Perdoem-me dizer que a demagogia vence-se pela capacidade de abordagem crítica das questões). E passamos verdadeiramente pela prova de fogo quando o desafio é lançado à estatura das pessoas, dos Camaradas, para participarem leal e francamente, aceitando, se for o caso, pôr-se em causa desde que esteja em jogo não a posição inamovível ou o prestígio intocável de A ou B, mas o Ministério, porque a resposta última, temos de dá-la não a nós mesmos mas ao Povo, a este Povo que, amadurecido

no sofrimento, temperado na dor, aprendeu a não aceitar outra linguagem que não seja a linguagem dos factos coerentes e testemunhantes daqueles que nas várias frentes se identificam com uma Pátria a ser construída. A este Povo sim, a honra, o prestígio, a prestação da responsabilidade por parte dos Quadros, por parte de todos nós aqui reunidos.

Camarada Ministro, Camaradas,

Entrando no tema desta relação, a responsabilização, eu começaria por fazer uma abordagem de alguns aspectos teóricos do assunto.

Decompondo etimologicamente a palavra, a partir do vocábulo ou vocábulos latinos, apuramos que "responsabilidade" deriva do verbo responder=responder mais habilitas=habilidade, capacidade. Responsabilidade torna-se portanto igual a habilidade, capacidade física ou moral de responder. Assim é responsável aquele que é hábil ou capaz de responder sobre alguma coisa, perante alguém. No nosso caso, perante o povo.

Esta habilidade ou capacidade comporta por sua vez os seus elementos: em primeiro de tudo, que o portador da responsabilidade seja sujeito capaz de atribuição de tarefa, seja portador de dons ou qualidades, competência na área em que se lhe exige, competência profissional, consciência profissional, identificação com o papel a assumir, brío pelo aperfeiçoamento ininterrupto. Por parte de quem confere a responsabilidade, requer-se obviamente reconhecimento da outra pessoa como pessoa e reconhecimento da sua capacidade. Responsabilidade conferida e responsabilidade assumida assentam por sua vez em valores primários como liberdade, consciência, participação.

A responsabilização afigura-se-me como o aspecto dialéctico da responsabilidade. A responsabilização é a responsabilidade em movimento, enraizando-se e concretizando-se numa infinidade de situações, consoante os campos sobre que incide a exigência da resposta, ou seja, as várias tarefas e atribuições do Ministério. Exigindo os valores primários da liberdade, consciência e participação, a responsabilidade ou, se quisermos, o seu processo dinâmico, a responsabilização, não são nem podem ser conceitos apenas teóricos e não podem incidir sobre a realidade da vida apenas em aspectos parciais e segundo as fáceis conveniências, de quem confere ou de quem assume responsabilidade.

Sendo o seu campo de incidência um âmbito concreto, a responsabilidade tem de ser efectiva e evoluir progressivamente para a responsabilização que só está consumada quando a participação é total, atingindo o limite do possível.

O processo efectivo da responsabilização traduz-se na prática da responsabilidade conferida, reconhecida, assumida, exercida. A responsabilidade é um elemento prático que acompanha e inspira a vida de um Ministério como o nosso, específico, com um tão variado leque de atribuições que lhe competem por vocação. A responsabilidade humaniza-se e torna-se humanizante pela consciência e pela liberdade. A mesma exige, temo-lo visto, Organização, Motivação, Enquadramento, não é desincarnada.

A participação efectiva acompanha os momentos de qualquer processo, da concepção à consumação. Vejamos por exemplo o item ou itens do desenvolvimento de uma participação efectiva: a mesma vigora desde a concepção de projectos, progredindo pela plnificação, programação, realização, processos de avaliação. Então, a responsabilização evolui dialécticamente, numa superação progressiva de etapas, recomeçando sempre o processo com consciência renovada.

Este processo na vida profissional transforma-se em exigência fecunda, não se podendo conformar com o profissionalismo pelo profissionalismo, com o carreirismo pelo carreirismo. Processo de responsabilização é renovação permanente da consciência técnico-profissional, é crescimento na exigência. O processo não tem fim. Reinicia sempre.

Camarada Ministro, Camaradas,

Cabe ao debate que daqui a momentos se vai desenvolver, descer ao concreto das situações decorrentes da vida e exercício real do MDR, para balancear, criticar, avaliar da forma como as responsabilidades são ou não compartilhadas, são ou não conferidas para poderem ser devidamente assumidas. A análise e a crítica abrangem por conseguinte tanto os que executam, assumem ou agem operacional em dependência hierárquica, técnica, administrativa ou operacional, como ainda e, talvez principalmente, os que dirigem e conferem responsabilidades dentro do campo à sua Direcção consignado.

Enobrece enormemente o Ministério a capacidade de pa-

rar, fazer o ponto da situação, tarefa que ora nos ocupa.

Escorrocemos do nosso meio a tentação de exhibir uma fachada de responsabilidade e de processo de responsabilização, enquanto que na vida real desajustes e talvez frustrações profissionais nos façam falar de outro modo. Tenhamos coragem de fazer do debate um honesto e prático confronto entre as aspirações de fundo duma participação organizada e aquilo que eventualmente experimentamos. Decerto que não cedermos à tentação de jazer na auto-contemplação de alguma caminhada já conseguida, embora seja consolador constatar o saldo positivo. O magno acontecimento deste Encontro impele-nos a ir muito mais longe. Sabe-se que a caminhada não é sempre em terreno plano e liso. Então, é da discussão objectiva e serena dos problemas que vai nascer luz para a resolução dos mesmos; é da discussão leal e franca que se vai progredir, confrontando para ultrapassar e desbloquear situações eventualmente exigentes de emperramento do processo-responsabilização.

Urge teóricamente aceitar e facticamente incarnar que nenhum de nós, por mais fecundo que seja, tem a magia da resposta quantitativa ou qualitativa para a multiplicidade dos problemas que afectam cada uma das Direcções do MDR, ainda quando nos encontramos movidos e inflamados pelas melhores disposições de servir.

Será tarefa do debate consentir e alcançar um máximo de concreticidade nos pontos a abordar. A nossa revisão crítica é já ela serviço ao povo, é tarefa comunitária, é forma participativa, é promoção da responsabilidade.

Cabe ao debate, por exemplo, perguntar e responder se será responsável o técnico que se burocratiza e não suja os pés na poeira do campo;

Cabe ao debate honestamente perguntar e responder se as estruturas organizativas se orientam de facto para a efectividade, produtividade, participação e responsabilização; cabe-nos perguntar e responder se a atitude que levamos ao campo<sup>quando</sup> vamos significa o nosso auto-empossamento como doutores na matéria, ou se nos aproximamos dum relacionamento com as nossas populações rurais, larga faixa da população caboverdiana; amadurecida e calejada na Universidade da vida, cabe perguntar e responder se nos aproximamos dela também na disposição de quem tem a aprender no campo; cabe-nos perguntar e responder, por consequência, se somos veículos capazes e conscientes do entrosamento técnica-experiência,

/técnica-campo, ou se o nosso tecnicismo desincarnado e mal concretizado não estará sacrificando as aspirações de um povo esperançoso.

Camarada Ministro, Camaradas,

A responsabilização cresce com a consciência revolucionária feita não de slogans fáceis ou acomodações político-profissionais, mas sim com a consciência revolucionária feita de compreensão, estudo e assunção da política global do Estado, em horizontes amplos e integrados. Em sectores específicos como o MDR e a sua vocação, devemos reear o vazio ideológico, possível responsável pela debandada, pela aleatoriedade, declinação de responsabilidade, recusa de participação no processo da responsabilização a conferir em descentralização e a assumir em participação; o vazio ideológico pode ainda converter-se em amolecimento sem exigência nos engagements e traduzir os mesmos, na incapacidade de aceitar a necessária complementariedade dos outros, o vazio ideológico pode converter-se em e traduzir recusa de dar sangue. Técnica e política terão de conseguir uma plataforma de entendimento, sem aglutinação de uma pela outra, porque estão ambas ao serviço de uma causa comum.

Se honramos a viva memória dos que tombaram no campo da batalha pela libertação da Pátria, ser-nos-á igualmente forçoso honrar também a viva memória daqueles que dão lentamente sangue, morrendo no cumprimento diário do dever. Esta morte não é menos fecunda do que a do campo da batalha.

Cabe por conseguinte ao Ministério, ao MDR, através das suas estruturas organizativas e funcionais, criar e alargar condições para a responsabilidade conferida e assumida, criar condições para a responsabilização como processo.

Cabe ao MDR estar atento. Que jamais emperramentos organizativos e/ou funcionais bloqueiem princípios pessoais ou capacidades potenciais. Salvaguarda-se o princípio primeiro do respeito, consideração e apreço pela pessoa, como condição básica e credenciador moral do apelo à responsabilidade, à exigência e do movimento da responsabilização.

Cabe ao MDR reconhecer e promover o Técnico Nacional, os Quadros Nacionais, valorizá-los e dar-lhes margem para a responsabilidade a assumir; cabe ao MDR desenvolver mecanismos pró-

prios em termos de relações humanas e de desenvolvimento do trabalho, mecanismos esses que vão personalizar e humanizar cada vez mais o próprio MDR; cabe-lhe desenvolver mecanismos próprios de promoção do pessoal, louvor, estímulo, reconhecimento pelas realizações, pela dedicação, etc, etc..

Camarada Ministro, Camaradas,

Vou terminar dizendo que neste esforço consentido e programado está o processo da responsabilização em curso. Muito longe poderemos chegar com a interacção de todos.

Desculpem, Camaradas, esta relação algo teórica e mais longa do que eu supunha. Espero não ter sido fastidioso.

Pertence agora ao debate assentar os pés no chão do processo e ... .. dabater.

Reiterando votos de institucionalização desta reunião na vida do MDR, termino avançando a sugestão de cada Direcção Geral tentar continuar esta reunião, concretizando-a.

OBRIGADO.